

PERFIL da V região administrativa mostra ritmo da área de Campinas.  
 Folha de S. Paulo. São Paulo, 02 dez. 1973.

# Perfil da V Região Administrativa mostra ritmo da área de Campinas

Folha de S. Paulo 2.12.73

Sucursal

Localizada no Centro-Oeste do Estado, em área de 27 mil quilômetros quadrados, o que corresponde a 10,9% do território paulista, a 5ª Região Administrativa, cujo número de habitantes representa 11,8% da população recenseada do Estado, foi objeto de pesquisas por parte da Secretaria de Economia e Planejamento, que elaborou e começou a distribuir o "Perfil da 5ª Região Administrativa".

Segundo os técnicos da SEPLAN, a fase inicial da ocupação populacional e econômica da área atualmente definida como região de Campinas, vinculou-se, antes mesmo da penetração cafeeira, a um significativo desenvolvimento agrícola. A existência de culturas como a do algodão, cana e fumo permitiram a implantação de uma base pré-industrial, representada por engenhos e pequenas tecelagens. Nesse processo, a ocupação populacional efetou-se em alguns centros urbanos e com alta concentração rural.

## CAFÉ ALTERA QUADRO

A introdução da cultura do café, desenvolvida por volta de 1836, atingindo o seu auge em fins do século XIX, viria alterar profundamente o quadro populacional e econômico da região. Face a uma crescente demanda externa, desenvolveram-se novas frentes de produção, concentrando-se os investimentos na lavoura cafeeira e incrementando as correntes migratórias, destinadas ao suprimento das necessidades de mão-de-obra agrícola.

Consolidando a integração regional, as ferrovias seguiram a penetração do café, garantindo a ligação das áreas de produção com o porto de Santos. Orientada pela penetração cafeeira, a infraestrutura viária viria gerar elementos de garantia para a continuidade do processo econômico.

Por outro lado, os reflexos da cultura cafeeira consolidavam os quadros urbanos e rurais. O aumento populacional, ampliando o mercado interno para manufaturas menos complexas, impulsionou a ampliação do parque industrial. Em função da elevada demanda de mão-de-obra agrícola, a concentração populacional ainda se processava na área rural, mas os centros urbanos passavam a ampliar e diversificar seus serviços.

## CRISE E TRANSFORMAÇÕES

A crise da economia cafeeira, advinda do estrangulamento do setor externo, com a depressão de 1929, gerou profundas transformações na organização produtiva regional. Paralelamente, desaparecia a monocultura do café, substituída por outras lavouras que, embora dificultasse bastante o crescimento populacional, impediram, aliadas às facilidades de comunicação viária, o esvaziamento da região.

Sobre a base agrícola reorganizada e diversificada, principalmente pelo êxito do algodão, citros e cana-de-açúcar, destacaram-se algumas atividades industriais utilizadoras, em larga escala, dos insumos primários produzidos na região. Com o processo de substituições de importações, modelo nacional de desenvolvimento, aceleraram-se as transformações estruturais da economia regional. A localização do parque industrial da região da Grande São Paulo gerou um polo altamente desenvolvido, cujas economias externas foram altamente absorvidas pela região. Isso possibilitou a criação de polos menores de crescimento, e intensificou o processo

de urbanização, principalmente no eixo de penetração da via Anhanguera.

Segundo ainda o documento, os últimos anos marcam a existência de novos impulsos industriais, reflexos da descentralização fabril que se manifesta em função da excessiva concentração econômica e demográfica na Grande São Paulo. A localização privilegiada da região de Campinas, a meio caminho entre o Oeste e a capital do Estado, aliada à existência de uma infra-estrutura suficientemente dimensionada às necessidades crescentes do processo de industrialização, vem dinamizando os diferentes setores de atividade econômica.

## COMPORTAMENTO DA POPULAÇÃO

A região de Campinas apresenta razoável expansão populacional, evoluindo a taxa de crescimento médio anual de 0,79%, no período de 1940/50, para 3,25%, na década seguinte. A participação da população regional na do Estado vem no entanto diminuindo, situando-se em 11,81% no ano de 1970, contra 15% em 1940. A compreensão do comportamento populacional é dada pelo exame do crescimento vegetativo e do saldo migratório, componentes do crescimento total.

Nos últimos trinta anos, de acordo com as informações disponíveis sobre o crescimento vegetativo, tem ocorrido na região um declínio diferenciado para as taxas de natalidade e de mortalidade, fenômenos que respondem às flutuações conjunturais. Outro componente do crescimento populacional, o saldo migratório, tem apresentado comportamento inverso. A região de Campinas, como um todo, representa área favorável à fixação de fluxos migratórios de outras regiões. O crescimento industrial, a proliferação dos serviços urbanos, as condições favoráveis de transporte, explicam a crescente entrada de correntes migratórias.

Tal comportamento não é, entanto, uniforme em todas as sub-regiões. Enquanto as de Piracicaba, Campinas, Limeira e Jundiá, situadas na porção central da região, e servidas pela via Anhanguera, vem apresentando saldos migratórios positivos, as sub-regiões menos dinâmicas apresentam tendência inversa, principalmente na sub-região de Casa Branca que apresenta alto índice de evasão populacional.

## SETOR PRIMÁRIO

Na composição da produção do setor primário, prevalece a produção agrícola, apesar da razoável produção de origem animal. Nesta, a avicultura é a atividade de maior destaque, face à proximidade de extenso mercado consumidor, especialmente a Grande São Paulo. Essa atividade confere certa especialização à região, principalmente à sub-região de Bragança Paulista.

A produção agrícola é considerável na região, embora ocorra o predomínio da cultura canieira, que ocupa 33% da área cultivada, gerando 34% do valor da produção setorial. Segundo levantamento recente a região de Campinas é a principal área canieira do Estado, nela localizando-se as maiores usinas estaduais, com relativa especialização da sub-região de Campinas, Piracicaba, Limeira e Rio Claro. O café, produto responsável pela ocupação regional, ocupa hoje posição secundária na pauta de produção.

## SETOR SECUNDÁRIO

A análise do setor industrial de Campinas e região reveste-se de particular importância, visto que a área

constitui um eixo natural para a penetração industrial. A facilidade de transportes, encontrada pela indústria, legada pela economia cafeeira, ao lado de um mercado razoavelmente desenvolvido, resultante do adensamento populacional, além da disponibilidade de capitais que buscavam aplicação no setor, constituíram-se nos fatores condicionantes do início do processo de industrialização. O atual perfil industrial resulta de uma série de transformações, sobretudo qualitativas, que criaram uma função industrial bastante complexa.

A industrialização na região desenvolveu-se, inicialmente, mantendo estreitas relações com a base agrícola, movida essencialmente por impulsos endógenos. Embora tal característica possa ser detetada atualmente, profundas mudanças na sua composição setorial foram viabilizadas face às sensíveis melhorias em seus parâmetros mercadológicos. De outro lado, a construção da via Anhanguera permitiu a fixação junto ao eixo de penetração de indústrias de alta capitalização, atraídas por excelentes fatores locais, como a proximidade da Grande São Paulo, disponibilidade de mão-de-obra e potencialmente de mercado oferecida pelo interior paulista, além do apoio na infra-estrutura viária.

Na década de 50 acelerou-se o processo de crescimento das indústrias modernas e intermediárias, ligadas de certa maneira ao modelo de substituição de importações, gerando economias de escala e proporcionando economias externas que viabilizaram a consolidação do parque industrial. Entretanto, a tendência de consolidação foi fortalecida nos últimos anos, na medida em que economias externas, anteriormente geradas, possibilitaram a absorção do movimento de descentralização industrial da Grande São Paulo, provocado pelas deseconomias de aglomeração que se fazem sentir naquela área. Esta tendência traduziu-se pela elevação do grau de diversificação industrial da região de Campinas, atualmente situado entre os mais elevados do Estado.

## SETOR COMERCIAL

A evolução do setor comercial da região de Campinas, apesar de precariedade das informações disponíveis para análise, processou-se de acordo com as tendências do próprio desenvolvimento industrial, paralelamente ao de urbanização, verificado após 1950. Desta forma, as sub-regiões que apresentaram maior expansão do setor comercial foram as localizadas junto ao eixo natural de penetração.

A sub-região de Campinas, por sua privilegiada posição no acesso ao interior paulista, particularmente o município, funciona como centro comercial polarizador, operando com uma estrutura de comercialização apreciável. Para a região, como um todo, o comércio varejista vem apresentando altas taxas de expansão, reflexos do processo de urbanização, enquanto que o setor atacadista apresenta dinamismo menor, principalmente face à polarização exercida pela capital. Com relação ao tamanho dos estabelecimentos, observa-se nítida predominância os de pequeno porte.

De outra parte, afirmou-se anteriormente que um dos fatores básicos de atração da região de Campinas é a infraestrutura socio-econômica, suficientemente dimensionada. A característica fundamental do setor educacional nesta região é a ocorrência de altas taxas de crescimento das matrículas, o que levou a significativo acréscimo na capacidade de atendimento do sistema.